



IV ENID

IV Encontro de Iniciação à Docência da UEPB
21 e 22 de novembro de 2014

ENFOPROF
II Encontro de Formação de Professores da Educação Básica

OS USOS E ABUSOS DO DOCUMENTÁRIO E AS POSSIBILIDADES PARA O ENSINO DE HISTÓRIA

Silvano Fidelis de Lira - UFPB
João Batista Gonçalves Bueno - UEPB/UFPB

Nesse pequeno texto analisamos a importância as possibilidades que o documentário pode trazer para o ensino de História. A princípio discutimos o tema de maneira geral e em seguida discutimos, especificamente, a utilização do documentário “*O dia que durou 21 anos*”, referente ao Regime Militar (1964-1985).

Antes de qualquer coisa é preciso destacar que entre o filme e o documentário existe uma realidade bastante expressiva. O documentário analisa e institui um discurso sobre algo que é verdadeiro, partilhado por um grupo social, o filme, por sua vez, é quase geralmente uma associação entre ficção e realidade, não tem compromisso direto com a realidade, podendo tão somente, referir-se a ela. No que se refere ao documentário, este advém de uma relação direta e estrita com o registro, documentação, que em tese seria captação do evento, a ser passa sistematizada pelo documentário uma certa “autoridade” e “legitimidade”.

Se pensarmos de acordo com as considerações de Magalhães Junior (2010), o documentário deve ser vinculado à realidade, por ser uma representação da realidade, mas nunca a realidade em si. O documentário é algo que se refere a algo que aconteceu, todavia, não pode ser entendido como reprodução do acontecimento, pois é em grande medida uma representação e uma interpretação, institui em torno do acontecimento outros sentidos. Sobre a diferenciação entre o documentário e o filme, vejamos o que nos aponta Magalhães Junior (*op cit.*):

Lembramos que, diferente da ficção, o documentário deve estar vinculado ao que realmente ocorreu, sabendo que nunca estaremos frente a frente com o mesmo instante documentado e sim com o sentido que o produto concebeu, mas que a percepção transmitida pode fazer o espectador ver o mundo de forma diferente, trata-se de um sentido que gera sentidos. Um filme é possibilidade da constituição de novos sentidos. (MAGALHÃES JUNIOR, 2010: 86)



IV ENID

IV Encontro de Iniciação à Docência da UEPB
21 e 22 de novembro de 2014

ENFOPROF

II Encontro de Formação de Professores da Educação Básica

O documentário, assim como qualquer outro produto cultural passa por crivos, seleções e interesses, articulado com o seu lugar de produção, e mais ainda com o momento em que é produzido, a distância temporal entre o acontecimento e a produção se sua interpretação é responsável por uma série de mudanças na concepção do produto final. Certamente, um documentário sobre o Regime Militar brasileiro produzido nos Estados Unidos da América seria completamente diferente de um produzido no Brasil.

. Hoje, cinquenta anos depois é possível laçarmos outros olhares sobre aqueles acontecimentos, as possibilidades e as influências são múltiplas. Por exemplo; com a atuação da Comissão Nacional da Verdade¹, e suas representações estaduais, hoje já é possível ter um diagnóstico do número de desaparecidos políticos e os mecanismos de tortura utilizados pelos órgãos de repressão do Regime Militar.

A leitura e as reflexões promovidas por Maria de Lourdes Monaco Janotti (2008), sobre a influência da imprensa no ensino de história no período ditatorial, além de ser uma importante contribuição para entendermos a atuação dos meios de comunicação nesse período, pode nos ajudar a entender também o documentário, enquanto instrumento de comunicação.

Devemos compreender que os materiais que veiculam notícias e informações sobre um acontecimentos são produtos, concebidos a partir de mecanismos comunicativos, que implicam em um olhar sobre aquilo que ocorre. A matéria do jornal, o filme, a charge, o documentário, etc., são produtos, frutos de interesses, de jogos de poder que deseja instituírem saberes e verdades em torno do acontecimento, não é a realidade, referem-se a ela, articulam-se em torno dela.

Retomando as discussões da autora sobre os meios de comunicação da imprensa poderiam ser utilizadas para entendermos a relação que o documentário pode estabelecer com a realidade, tendo em vista que ambos

¹ A Comissão Nacional da Verdade foi criada pela Lei 12528/2011 e instituída em 16 de maio de 2012. A CNV tem por finalidade apurar graves violações de Direitos Humanos ocorridas entre 18 de setembro de 1946 e 5 de outubro de 1988. Conheça abaixo a lei que criou a Comissão da Verdade e outros documentos-base sobre o colegiado. Em dezembro de 2013, o mandato da CNV foi prorrogado até dezembro de 2014 pela medida provisória nº 632. Para maiores informações acessar o site eletrônico da CNV <http://www.cnv.gov.br/index.php>.





IV ENID

IV Encontro de Iniciação à Docência da UEPB
21 e 22 de novembro de 2014

ENFOPROF

II Encontro de Formação de Professores da Educação Básica

participam de uma proposta de circulação de informações, são, assim como autora pontua de maneira muito incisiva, “*mecanismos de apreensão do real*”;

entre o acontecimento e o texto publicado há diversos ***mecanismos de apreensão do real***: o ponto de vista do repórter-observador, a redação do noticiário, a edição do texto, editoração e arte, imagens do ângulo do fotógrafo, escolha de imagens, espaço disponível e posição política do jornal. Todos esses procedimentos acabam por criar um outro fato, que ordena os acontecimentos de acordo com certa representação simbólica da realidade (JANOTTI, 2008, p, 101) – (Grifos nossos).

Produzido em 2012 e transmitido pela TV Brasil, e lançado no formato de DVD, no ano seguinte “*O dia que durou 21 anos*”², é o documentário pode ser compreendido como um “novo” olhar sobre um tema já tão discutido pelo cinema, pelo jornalismo e pela história brasileira, tendo em vista que analisa um acontecimento a partir de um outro lugar, é não mais entender o golpe pelo golpe, mas perscrutar quais os interesses que estavam por trás daquele movimento, notadamente, um olhar sobre a interferência política dos norte americana na política brasileira.



Imagem 2 – Capa do DVD “O dia que durou 21 anos”

² Recomendamos o material, que pode ser utilizado tanto para informação pessoal como para prática de ensino, o documentário está disponível na íntegra no link: <<https://www.youtube.com/watch?v=jYQ9rvehXCw>>.



IV ENID

IV Encontro de Iniciação à Docência da UEPB
21 e 22 de novembro de 2014

ENFOPROF

II Encontro de Formação de Professores da Educação Básica

O título faz uma referência direta aos anos em que o governo federal foi liderado por militares, embora alguns estudiosos defendam que o Regime Militar tenha entrado em colapso antes de seu fim definitivo, em 1985, material que aqui discutimos opera em um recorte que vai de 1964, com a derrubada de Jango, até 1985, ano da redemocratização, em que foi eleito, embora por voto indireto, o civil Tancredo Neves.

Dirigido pelo jornalista Camilo Tavares, o longa metragem tenta dissecar a participação dos Estados Unidos no golpe de 1964, começando no interesse estadunidense pelo Brasil após a renúncia de Jânio Quadros e a polêmica ascensão de João “Jango” Goulart à presidência. A partir daí, por meio de imagens de arquivo e entrevistas, o documentário vai montando um quadro acerca da interferência do “Tio Sam” no cenário político nacional com o avanço da ditadura.

Este documentário mostra a influência do governo dos Estados Unidos no Golpe de Estado no Brasil em 1964. A ação militar que deu início a ditadura contou com a ativa participação de agências como CIA e a própria Casa Branca. Com documentos secretos e gravações originais da época, o filme mostra como os presidentes John F. Kennedy e Lyndon Johnson se organizaram para tirar o presidente João Goulart do poder e apoiar o governo do marechal Humberto Castelo Branco.

Mas como ele pode ser utilizado em sala de aula? Será que um material que traz uma discussão “nova” sobre um assunto amplamente discutido pode ser utilizado pelo professor como ferramenta didática para o ensino de história? Como pode ser trabalhado em paralelo ao livro didático?

Deve-se ter em vista que esse material é também uma linguagem, uma maneira de comunicação entre o saber e os alunos. Ele é um mecanismo de mediação de saberes, participa de uma proposta de articulação dos conhecimentos.

Acreditamos que a utilização do documentário como recurso didático deve, além de facilitar a aprendizagem, fazer com que o aluno possa entender a história e os acontecimentos de uma maneira nova, mais interessante, deixando de lado aquela vertente ilustrativa, mas percebendo o material exibido como outro acontecimento, não vendo no material um substituto do



IV ENID

IV Encontro de Iniciação à Docência da UEPB
21 e 22 de novembro de 2014

ENFOPROF

II Encontro de Formação de Professores da Educação Básica

conhecimento articulado pelo livro, mas como algo que se completa, que se articula de maneira íntima.

De acordo com SOUZA e SARMENTE (S/D);

O documentário traz a possibilidade de o conteúdo trabalhado tornar algo mais sólido, palpável para o estudante. Quando trabalhamos com aulas expositivas e com o auxílio do livro didático, mesmo que o livro tenha imagens é difícil mostrar os aspectos daquele momento ou povo. Na maioria das vezes trabalhar com imagens do livro não é prazeroso para o estudante. Com o documentário a imagem esta em conjunto com uma narrativa que a elucida, a imagem sai do estado inanimado para animado, é a familiaridade com esses aspectos da mídia que auxilia na concentração e interesse dos estudantes.

Um tema “sensível” como é o da Ditadura Militar, não pode ser compreendido, nem por professores e nem por alunos, como uma etapa dos assuntos, mas deve ser entendido como um momento de reflexão. É preciso estudar esse momento, criando em nossos adolescentes um zelo pela democracia. A ditadura precisa ser vista como uma ferida na história, o documentário deve ser utilizado com intuito de despertar a criticidade diante do passado, fazendo uma relação com o passado. É preciso criar um ensino que possibilite a criação, a mudança e a transformação de si.

Retomando Bertold Brecht, é preciso lembrar daqueles que lutam, dos momentos e das causas que lutam...

REFERÊNCIAS:

JANOTTI, Maria de Lourdes Monaco. Imprensa e ensino na ditadura. In; FERREIRA, Antonio Celso; BEZERRA, Holien Gonçalves; LUCA, Tania Regina de. **O historiador e seu tempo**. São Paulo: Editora da UNESP, 2008, pp, 95-115.

MAGALHÃES JUNIOR, Antônio Germano. Luz, Câmera e Emoção: vídeos documentários e história da educação. In: VASCONCELOS, José Gerardo [et al.] (Orgs.). **Tempo Espaço e Memória da Educação**: pressupostos teóricos, metodológicos e seus objetos de estudo. Vasconcelos [et al.]. (Orgs.). Fortaleza: edições UFC, 2010.

SOUZA, Thyago Ruzemberg Gonzaga de & SARMENTO, Saulo Arão de Lima. **Documentários no ensino de história**. Disponível em <http://www.cchla.ufrn.br/shXIX/anais/GT08/Artigo.pdf>. Acesso em 30 de Julho de 2014 às 11hs56min.